

**O TIGRE
ARAVIND ADIGA
BRANCO**



Tradução:
Maria Helena Rouanet

 Harper
Collins
Rio de Janeiro, 2021

Título original: *The White Tiger*
Copyright © 2008 by Aravind Adiga

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Gerente editorial: *Alice Mello*

Editor: *Ulisses Teixeira*

Copidesque: *Janaína Senna*

Revisão: *Guilherme Bernardo, Gustavo Penha, Marina Sant'Ana e André Sequeira*

Capa: *Maquinaria Senna*

Adaptação de capa: *Julio Moreira | Equatorium*

Diagramação e conversão para ebook: *Abreu's System*

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

A183t

Adiga, Aravind

O tigre branco / Aravind Adiga ; tradução Maria Helena Rouanet. – [3. ed.]. – Rio de Janeiro : Haper Collins, 2021.

Tradução de: *The white tiger*

ISBN 9786555110975

I. Ficção indiana. I. Rouanet, Maria Helena. II. Título.

20-67979

CDD: 828.99353

CDU: 82-3(540)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.harpercollins.com.br

SUMÁRIO

Primeira noite

Segunda noite

Quarta manhã

Quarta noite

Quinta noite

Sexta manhã

Sexta noite

Sétima noite

Para Ramin Bahrani

PRIMEIRA NOITE

Para:

Sua Excelência o sr. Wen Jiabao,
Gabinete do primeiro-ministro,
Beijing,
Capital da China, nação amante da liberdade

De:

“O Tigre Branco”
Um homem que pensa
E um empresário
Que vive no centro mundial da tecnologia e da terceirização
Cidade da Eletrônica, Setor 1 (juntinho da Hosur Main Road)
Bangalore, Índia

Ex.^{mo} sr. primeiro-ministro,

Nem V. Ex.^a nem eu falamos inglês, mas há certas coisas que só podem ser ditas nessa língua.

Minha ex-patroa, a ex-mulher do falecido Mr. Ashok, Pinky Madam, me ensinou uma delas; e, hoje, às 23h32, ou seja, dez minutos atrás, quando a locutora da All India Radio anunciou “O primeiro-ministro Jiabao chega a Bangalore na semana que vem”, usei essa expressão imediatamente.

Na verdade, toda vez que um grande homem como V. Ex.^a visita o nosso país, digo isso. Não que eu tenha algo contra os grandes homens. A meu modo, considero-me um deles. Mas, sempre que vejo nosso primeiro-ministro e seu distinto séquito indo para o aeroporto naqueles carros pretos, depois, saindo do carro, nos cumprimentando, fazendo a saudação namastê, bem diante das câmeras de TV, e declarando que a Índia é um país santo e impoluto, tenho que dizer essa tal coisa em inglês.

Ora, V. Ex.^a vem nos visitar na próxima semana, não é mesmo? Em geral, a All India Radio é confiável quanto a esses assuntos.

Era gozação, Excelência.

Ha!

Foi por isso que resolvi lhe perguntar diretamente se essa sua visita a Bangalore era verdade. Porque, se for, tenho algo importante a lhe dizer. Veja bem, a locutora da rádio disse: “Mr. Jiabao vem em missão oficial: quer saber a verdade sobre Bangalore.”

Senti o sangue gelar nas veias. Se há alguém que sabe a verdade sobre Bangalore, esse alguém sou *eu*.

Logo a seguir, a locutora anunciou: “Mr. Jiabao quer se encontrar com alguns empresários indianos e ouvir, de sua própria boca, a história de seu sucesso.”

E acrescentou uma breve explicação. Aparentemente, vocês, chineses, estão muito à frente de nós sob todos os aspectos; só que têm empresários. E nosso país, embora não disponha de água potável, eletricidade, rede de esgoto, transporte público, noções de higiene, disciplina, cortesia ou pontualidade, dispõe *efetivamente* de empresários. Milhares e milhares deles. Especialmente no campo da tecnologia. E esses empresários — nós — implantaram todas essas empresas de terceirização de serviços que, virtualmente, fazem a América funcionar nos dias de hoje.

V. Ex.^a espera aprender como fabricar uns poucos empresários chineses. É por isso que vem nos visitar. Fiquei todo satisfeito ao ouvir isso. Mas, depois, me lembrei que, de acordo com o protocolo internacional, o primeiro-ministro e o ministro do Exterior do meu país vão recebê-lo no aeroporto com guirlandas, estatuetas de Gandhi feitas de sândalo e uma pasta repleta de informações sobre o passado, o presente e o futuro da Índia.

Foi nesse momento que eu *tive* de dizer a tal coisa em inglês. Bem alto.

Isso aconteceu às 23h37. Cinco minutos atrás.

Não me limito a xingar e reclamar. Sou um homem de ação e de mudanças. Decidi imediatamente ditar uma carta para V. Ex.^a.

Para começar, permita que lhe diga como admiro essa antiga nação que é a China.

Li sobre sua história em *Narrativas eletrizantes sobre o Oriente exótico*, livro que encontrei no chão, numa época em que tentava me instruir frequentando a feira de livros usados que havia aos domingos, na Velha Déli. As histórias eram principalmente sobre piratas e ouro em Hong Kong, mas também encontrei ali algumas informações interessantes: o livro dizia que vocês, chineses, são grandes amantes da liberdade em geral e da liberdade individual. Os britânicos tentaram transformá-los em escravos, mas vocês não os deixaram fazer isso. Eis aí algo que admiro, sr. primeiro-ministro.

Antigamente, eu era empregado de uma família, sabe?

Só três nações jamais se deixaram governar por estrangeiros: a China, o Afeganistão e a Abissínia. E são as três únicas nações que admiro.

Em nome do respeito que tenho pelo amor à liberdade demonstrado pelos chineses, e também da crença de que o futuro do mundo está nas mãos dos homens de pele amarela e marrom, agora que o nosso antigo amo, o homem branco, se perdeu completamente em meio à sodomia, ao uso dos telefones celulares e ao abuso de drogas, venho lhe oferecer, inteiramente de graça, a verdade sobre Bangalore.

Vou lhe contar a história da minha vida.

Veja bem, quando V. Ex.^a chegar a Bangalore, e parar num sinal de trânsito, logo vai aparecer um menino para bater no vidro da janela do seu carro. Nas mãos, ele terá uma versão pirata de um livro de negócios americano, cuidadosamente encapado em plástico e com um título do gênero:

DEZ SEGREDOS DO SUCESSO NOS NEGÓCIOS!

ou

COMO SE TORNAR UM EMPRESÁRIO EM SETE DIAS,
COM TODA FACILIDADE!

Não desperdice o seu dinheiro comprando esses livros americanos. Eles são tão *ultrapassados*...

Já eu sou o futuro.

Em termos de educação formal, posso até deixar a desejar. Ou, para ser mais claro, nem terminei os estudos. Mas, e daí? Não li muitos livros, mas li todos os que importam. Sei de cor as obras dos quatro maiores poetas de todos os tempos — Rumi, Iqbal, Mirza Ghalib e um outro sujeito cujo nome esqueci. Sou um empresário autodidata.

E esses são os melhores, pode acreditar no que lhe digo.

Depois que tiver ouvido a história de como cheguei a Bangalore e me tornei um dos seus homens de negócios mais bem-sucedidos (embora seja, provavelmente, um dos menos conhecidos), V. Ex.^a saberá tudo o que precisa sobre como o espírito empresarial nasce, se nutre e se desenvolve neste indivíduo que é o glorioso homem do século XXI.

Ou, mais especificamente, o século dos homens de pele *amarela e marrom*.

V. Ex.^a e eu.

É quase meia-noite, Mr. Jiabao. Uma boa hora para eu lhe contar essa história.

Fico acordado a noite toda. E não há outra pessoa nesse meu escritório de 14 metros quadrados. Só eu e, acima de mim, o lustre; se bem que ele tem lá sua personalidade própria. É um troço enorme, cheio de pedacinhos de vidro em forma de losango, parecido com aqueles que se viam nos filmes da década de 1970. Embora as noites em Bangalore sejam bem frescas, mandei instalar um miniventilador — com cinco pás vazadas — exatamente acima do lustre. Assim, quando ele gira, as pás recortam a luz do lustre, espalhando-a pela sala toda. Igualzinho àqueles globos que existem nas melhores discotecas de Bangalore.

Este é o único lugar de 14 metros quadrados nesta cidade que tem o seu próprio lustre! Nem por isso deixa de ser um cubículo, e passo a noite inteira sentado aqui.

É a maldição do empresário. Ele precisa cuidar do seu negócio o tempo todo.

Agora, vou ligar o miniventilador para que as luzes do lustre se espalhem pela sala.

Estou relaxado, sr. primeiro-ministro. E espero que V. Ex.^a também esteja.

Vamos lá.

Mas, antes de começar, devo lhe dizer que a frase em inglês que aprendi com minha ex-patroa, a ex-esposa do falecido Mr. Ashok, Pinky Madam, é:

What a fucking joke!



Hoje em dia, já não vejo os filmes indianos — por uma questão de princípios —, mas, na época em que via, pouco antes de o filme começar, ou o número 786 aparecia projetado na tela — os muçulmanos acham que este é um número mágico, que representa o seu deus —, ou se via a imagem de uma mulher de sári branco, com moedas de ouro caindo aos seus pés, que é a representação da deusa Lakshmi, dos hindus.

Esta é uma tradição antiga e venerada pelo povo do meu país: começar uma história fazendo uma oração ao Poder Superior.

Imagino que V. Ex.^a também comece puxando o saco de alguma divindade.

Mas de *que* divindade? As possibilidades são tantas...

Veja só: os muçulmanos têm um deus.

Os cristãos têm três.

E nós, os hindus, temos 36.000.000.

O que dá um total de 36.000.004 sacos divinos para V. Ex.^a e eu escolhermos.

Tem gente — e não estou me referindo apenas aos comunistas, como V. Ex.^a, mas a mentes pensantes de qualquer orientação política — que acha que nem todos esses deuses existem de verdade. Alguns acreditam até que

nenhum deles existe. Que somos apenas nós e um oceano de escuridão à nossa volta. Não sou filósofo, nem poeta. Como poderia então saber a verdade? É certo que todos esses deuses parecem trabalhar muito pouco — exatamente como os nossos políticos —, e, mesmo assim, continuam sendo reeleitos para ocupar seus tronos dourados no céu, ano após ano. Isso não significa dizer que eu não os respeite, sr. primeiro-ministro! Nem pense em deixar que uma blasfêmia como essa se instale na sua mente amarela. O meu país é daqueles onde o importante é jogar em ambos os lados do campo: o empresário indiano deve ser honesto e inescrupuloso, cínico e crédulo, sonso e sincero, tudo ao mesmo tempo.

Portanto, estou fechando os olhos, juntando as mãos num reverente *namastê* e pedindo aos deuses que lancem alguma luz sobre a minha história sombria.

Tenha um pouco de paciência, Mr. Jiabao. Isso pode demorar um bocado.

Quanto tempo V. Ex.^a acha que levaria para puxar 36.000.004 sacos?



Pronto.

Meus olhos estão abertos outra vez.

São 23h52 — já está mais do que na hora de começar.

Antes, porém, um alerta regulamentar, como nos maços de cigarro.

Um dia, quando eu estava levando meus ex-patrões, Mr. Ashok e Pinky Madam, no Honda City que eles tinham, ele pôs a mão no meu ombro e disse:

— Encoste o carro.

Em seguida, chegou tão perto de mim que pude sentir o cheiro da loção pós-barba que ele usava (naquele dia, era um cheiro frutado, delicioso) e declarou, educadamente, como sempre:

— Quero lhe fazer algumas perguntas, Balram. Pode ser?

— Pois não, patrão — respondi.

— Quantos planetas existem no céu, Balram? — indagou ele.

Respondi da melhor maneira que pude.

— Quem foi o primeiro primeiro-ministro da Índia, Balram?

E prosseguiu, perguntando:

— Qual é a diferença entre um hindu e um muçulmano, Balram?

E ainda:

— Como se chama o nosso continente?

Depois, voltou a se recostar no banco do carro e, virando-se para Pinky Madam, perguntou:

— Ouviu as respostas dele?

— Era brincadeira? — indagou ela, e o meu coração começou a bater mais depressa, como sempre acontecia quando Pinky Madam dizia alguma coisa.

— Não. Ele acha *mesmo* que essas são as respostas certas.

Ela deu uma risadinha ao ouvir isso, mas o rosto *dele*, que eu via refletido no retrovisor, estava sério.

— Na verdade, ele deve ter... o quê? Dois, três anos de escolaridade? Sabe ler e escrever, mas não entende o que lê. É meio cru. Este país está cheio de gente como ele, pode ter certeza. E confiamos nossa gloriosa democracia parlamentarista — prosseguiu Mr. Ashok, apontando para mim — a figuras como essa. Aí está a verdadeira tragédia deste país.

E suspirou.

— Tudo bem, Balram, pode seguir com o carro.

Aquela noite, fiquei deitado na cama, sob o meu mosquiteiro, pensando naquelas palavras. Ele tinha toda razão, sr. primeiro-ministro. Não gostei do jeito como disse aquilo, mas era a pura verdade.

“A autobiografia de um indiano meio cru.” Este deveria ser o título da história da minha vida.

Eu e milhares de outros indivíduos neste país somos meio crus, porque nunca temos a possibilidade de completar nossos estudos. Abra a nossa cabeça, examine o seu interior à luz de uma lanterna, e vai encontrar um

estranho museu de ideias: frases de história ou de matemática decoradas de livros escolares (posso lhe garantir que ninguém se lembra tão bem de sua escolaridade como as pessoas que tiveram de sair da escola); frases sobre política lidas num jornal enquanto se espera alguém chegar a um escritório; triângulos e pirâmides vistos nas páginas rasgadas dos livros velhos usados de geometria, por todas as casas de chá deste país, para embrulhar um salgado; trechos do noticiário da All India Radio; várias coisas que caem na nossa cabeça, como uma lagartixa despencando do teto, naquela meia hora que levamos para pegar no sono — imagino que todas essas ideias, meio formadas, meio digeridas e meio corretas, misturadas a outras já meio cozidas na nossa cabeça, transem umas com as outras, gerando outras tantas ideias meio formadas, e, assim, vamos agindo e vivendo.

A história de minha educação é a história de como se produz um sujeito meio cru.

Mas preste atenção, sr. primeiro-ministro! Os sujeitos inteiramente formados, depois de doze anos de escola e três de universidade, usam lindos ternos, entram para empresas e passam o resto da vida recebendo ordens de outros homens.

Já os empresários são feitos de barro meio cru.



Para lhe dar os fatos mais elementares a meu respeito — origem, altura, peso, desvios sexuais conhecidos etc. —, nada melhor do que esse cartaz. O que a polícia fez de mim.

Mas devo admitir que dizer que sou a menos conhecida das histórias de sucesso em Bangalore não seria inteiramente verdade. Há cerca de três anos, quando me tornei, em poucas palavras, alguém de importância nacional, graças a um ato de empreendedorismo, era possível ver uma foto minha em todas as agências de correio, estações ferroviárias e delegacias de polícia deste país. Naquela época, muita gente viu o meu rosto e o meu

nome. Não tenho o original, mas baixei uma reprodução dele no meu laptop Macintosh prateado — que comprei via internet, de uma loja em Cingapura, e que realmente funciona às mil maravilhas — e, se V. Ex.^a quiser esperar um segundo, ligo o laptop, abro a imagem escaneada e leio exatamente o que está escrito ali.

Antes, porém, preciso lhe dizer algo sobre o cartaz original. Eu o vi numa estação ferroviária em Hyderabad, quando estava viajando sem bagagem alguma — à exceção de uma bolsa vermelha pesadíssima —, vindo de Déli para Bangalore. Por um ano inteirinho, guardei o cartaz aqui, neste escritório, na gaveta desta escrivaninha. Um dia, o faxineiro estava mexendo nas minhas coisas e quase achou a tal foto. Não sou um sujeito sentimental, Mr. Jiabao. Isso é algo que os empresários não podem se permitir. Então, joguei o cartaz fora — mas, antes, consegui alguém para me ensinar a escanear imagens — e V. Ex.^a sabe que nós, os indianos, gostamos tanto de tecnologia quanto os patos gostam de água. Em uma ou duas horas, já tinha aprendido. Sou um homem de ação, Excelência. E, agora, aqui está ele, na tela, bem na minha frente:

PROCURA-SE HOMEM DESAPARECIDO

Informa-se ao público em geral que o homem desta foto, chamado Balram Halwai, mais conhecido por MUNNA, filho de Vikram Halwai, condutor de riquixá, está sendo procurado para ser interrogado. Idade: entre 25 e 35 anos. Pele: escura. Rosto: oval. Altura: aproximadamente 1,65m. Constituição: magro, franzino.

Bem, essa descrição não é mais *exata*, Mr. Jiabao. A referência à pele escura continua a ser verdade — embora eu ande bem tentado a experimentar um desses cremes clareadores que foram lançados recentemente para que os indianos possam ficar parecendo ocidentais —, mas o resto, infelizmente, já mudou por completo. A vida aqui em Bangalore é muito boa — comida farta, cerveja, boates... Portanto, o que se há de fazer? “Magro” e “franzino” — ah! Digamos que estou mais em

forma hoje em dia! “Gordo” e “barrigudo” seriam os termos mais apropriados.

Mas, vamos adiante, porque, afinal, não temos a noite toda. É melhor eu explicar logo esse outro trecho:

Balram Halwai, mais conhecido por MUNNA...

O que aconteceu foi o seguinte: no meu primeiro dia de aula, o professor mandou todos os alunos fazerem uma fila e chegarem perto da sua mesa para ele anotar os seus nomes. Quando lhe disse qual era o meu, ele me olhou espantadíssimo.

— Munna? Mas isso não é nome!

E tinha razão. *Munna* significa simplesmente “menino”.

— Mas é o único que tenho, professor — disse eu.

E era verdade. Nunca tinham me dado um nome.

— Sua mãe não escolheu um nome para você?

— Ela é muito doente, professor. Fica deitada na cama e cospe sangue. Não teve tempo de pensar nisso.

— E seu pai?

— Ele é condutor de riquixá, professor. Também não teve tempo de pensar nisso.

— Você não tem uma avó? Tias? Tios?

— Eles também não tiveram tempo.

O professor virou para o lado e deu uma cusparada — um jato de *paan* vermelho se estatelou no chão da sala de aula. Depois, passou a língua pelos lábios.

— Bom, então, eu é que vou ter de fazer isso, não é mesmo? — observou ele, passando a mão pelo cabelo. — Vou chamá-lo... *Ram*. Não, espere. Tem algum *Ram* nessa turma? Não quero que isso acabe dando confusão. Vai ser *Balram*. Sabe quem foi *Balram*, não sabe?

— Não, professor.

— O companheiro inseparável do deus Krishna. Sabe qual é o meu nome?

— Não, senhor.

— Krishna — disse ele, rindo.

Quando voltei para casa naquele dia, disse a meu pai que o professor tinha me dado um nome novo.

— Se é o que o professor quer — disse ele, dando de ombros —, podemos chamá-lo assim.

Desde então, passei a me chamar Balram. Mais tarde, adotei um terceiro nome, é claro. Mas vamos chegar lá.

Ora, que tipo de lugar é esse em que as pessoas se esquecem de dar nome aos filhos?

Mas, voltando ao cartaz:

O suspeito é originário da aldeia de Laxmangarh,
no...

Como todas as boas histórias de Bangalore, a minha começa bem longe daqui. Como V. Ex.^a pode ver, estou na Luz agora, mas nasci e cresci na Escuridão.

Mas não estou falando de uma parte do dia, sr. primeiro-ministro!

Estou me referindo a uma região da Índia que ocupa pelo menos um terço do país; um lugar fértil, cheio de arrozais e de trigais; no meio desses campos, há lagos cobertos de lótus e de lírios-d'água, e os búfalos entram nesses lagos para comer os lótus e os lírios. As pessoas que vivem ali chamam o lugar de Escuridão. Tente entender, por favor, Excelência, que a Índia são dois países em um: uma Índia da Luz, outra da Escuridão. O oceano traz a luz ao meu país. Qualquer ponto do mapa da Índia que fique perto do mar é próspero. Mas o rio traz a escuridão à Índia — o rio negro.

De que rio negro estou falando — de que rio da Morte, cujas margens são cheias daquela lama rica, escura, pegajosa, que enreda tudo o que se planta ali, sufocando tudo, abafando tudo, estrangulando tudo?

Ora, estou falando do Ganges, filho dos Vedas, o rio da iluminação, o protetor de todos nós. Aquele que rompe a cadeia dos nascimentos e dos

renascimentos. Onde quer que esse rio passe, estamos na zona da Escuridão.

Um dado importante sobre a Índia é que podemos pegar praticamente qualquer coisa que o primeiro-ministro diga a respeito do país, invertê-la e, assim, teremos a verdade. Ora, V. Ex.^a deve ter ouvido o Ganges ser chamado de rio da emancipação. Centenas de turistas americanos vêm aqui anualmente para tirar fotos de *sadhus* inteiramente despidos, em Hardwar ou em Benares. E o nosso primeiro-ministro não hesitaria em descrever o rio desta forma e dizer que V. Ex.^a precisa mergulhar em suas águas.

Não faça isso, Mr. Jiabao! Não mergulhe no Ganges, a menos que queira ficar com a boca cheia de fezes, de palha, de partes de corpos humanos encharcadas, de búfalos em decomposição, além de sete tipos diferentes de ácidos industriais.

Sei tudo sobre o Ganges, Excelência. Quando tinha 6, 7 ou 8 anos (ninguém na minha aldeia sabe exatamente quantos anos tem), fui ao local mais sagrado das margens do rio: a cidade de Benares. Lembro de descer os degraus de uma estradinha que seguia colina abaixo, na cidade santa de Benares, acompanhando o cortejo fúnebre que levava o corpo de minha mãe até o Ganges.

Era Kusum, minha avó, quem ia na frente. Aquela velha sonsa! Tinha a mania de esfregar os braços com bastante força quando estava contente, como se fossem pedaços de gengibre que estivesse ralando para liberar os sorrisos. Não tinha um dente na boca, mas isso só tornava o seu sorriso ainda mais dissimulado. E foi sorrindo que conseguiu mandar na casa; filhos e noras tinham medo dela.

Meu pai e Kishan, meu irmão, vinham logo atrás, segurando uma das pontas da liteira de bambu que transportava o cadáver; depois, vinham meus tios, Munnu, Jayram, Divyram e Umesh, segurando a outra ponta. O corpo de minha mãe tinha sido embrulhado num pano de cetim cor de açafreão, da cabeça aos pés, e estava coberto de pétalas de rosas e de guirlandas de jasmim. Acho que, em vida, ela nunca teve nada tão bonito para vestir. (A morte de minha mãe foi tão grandiosa que tive a certeza de

que a sua vida deve ter sido muito infeliz. A minha família se sentia culpada por alguma coisa.) Minhas tias, Rabri, Shalini, Malini, Luttu, Jaydevi e Ruchi, passaram o tempo todo rodopiando e batendo palmas para que eu as alcançasse. Lembro que fiquei balançando as mãos e cantando: “O nome de Shiva é a verdade!”

Passamos por um templo atrás do outro, rezando para um deus atrás do outro, até entrarmos numa fila, entre um templo vermelho, dedicado a Hanuman, e um ginásio descoberto onde três fisiculturistas levantavam pesos enferrujados bem acima da cabeça. Antes mesmo de ver o rio, pude sentir o seu cheiro: um fedor de carne podre que me chegava pelo lado direito. Cantei então ainda mais alto: “... a única verdade!”

Ouvia-se uma barulheira danada: estavam rachando lenha. Tinham construído uma plataforma de madeira pouco acima do nível da água, bem na borda do *ghat*; as toras eram empilhadas nessa plataforma onde homens as cortavam, usando machados. Vários blocos de madeira formavam piras funerárias nos degraus do *ghat*, que levam até o rio. Quando chegamos ali, havia quatro corpos sendo cremados. Tivemos de esperar a nossa vez.

À distância, uma ilha de areia branca reluzia ao sol, e botes cheios de gente se dirigiam para lá. Fiquei imaginando se a alma da minha mãe teria ido para aquela ilha, para aquele lugar brilhante no meio do rio.

Já disse que o corpo de minha mãe estava envolto em cetim. Agora, tinham coberto também o seu rosto, e várias achas de lenha, tantas quanto pudemos comprar, estavam sendo empilhadas sobre o seu corpo. Então, o sacerdote ateou fogo à minha mãe.

— No dia em que chegou à nossa casa, ela era uma boa moça, muito sossegada — disse Kusum, pondo a mão no meu rosto. — Não fui eu que comecei com essa história de brigar...

Afastei aquela mão. Fiquei olhando para minha mãe.

Quando o fogo devorou o cetim, deu para ver um pé pálido, que surgiu ali como algo vivo; os dedos, que iam derretendo com o calor, começaram a se encurvar, oferecendo resistência ao que estavam lhes fazendo. Kusum

empurrou aquele pé de volta para o meio do fogo, mas ele não queimava. Meu coração disparou. Minha mãe não ia deixar que a destruíssem.

Debaixo da plataforma onde as toras estavam empilhadas, era um verdadeiro lamaçal escuro, no ponto em que as águas do rio tocavam as margens. Aquele monte de lama estava cheio de guirlandas de jasmim, pétalas de rosas, pedaços de cetim, ossos chamuscados; um cachorro amarelado rastejava por ali, fuçando em meio às pétalas, ao cetim e aos ossos.

Olhei para aquele lamaçal, olhei para o pé retorcido de minha mãe e entendi tudo.

Era a lama que a estava impedindo de ir embora: aquele monte enorme de lama preta. Ela tentava lutar contra aquilo; seus dedos estavam encurvados e resistiam; mas a lama a estava tragando, sugando. Era tão espessa e, a cada instante, a água que banhava o *ghat* criava uma quantidade maior daquele lodo. Logo, logo a minha mãe seria parte daquele lameiro negro, e o cachorro amarelado ia começar a lambê-la.

E então, compreendi: aquele era o verdadeiro deus de Benares, essa lama preta do Ganges na qual tudo morria, se decompunha, e era dali que tudo renascia, para voltar a morrer. O mesmo aconteceria comigo quando eu morresse e me trouxessem para cá. Nada ali atingiria a liberação.

Perdi o fôlego.

Foi a primeira vez na vida que desmaiei.

Desde esse dia, nunca mais fui ver o Ganges: deixo o rio para os turistas americanos!

...natural da aldeia de Laxmangarh, no distrito de Gaya.

O meu distrito é famoso — famoso no mundo inteiro. A história de sua nação foi moldada pelo meu distrito, Mr. Jiabao. Decerto já ouviu falar de Bodh Gaya, a cidade onde o senhor Buda se sentou à sombra de uma árvore e atingiu a iluminação, dando início então ao budismo, que se espalhou

pelo mundo todo, inclusive pela China. E onde fica essa cidade? Exatamente no meu distrito natal! A poucos quilômetros de Laxmangarh!

Será que Buda passou mesmo por Laxmangarh, como dizem alguns? Eu, pessoalmente, acho que ele deve ter atravessado a aldeia correndo, o mais depressa que pôde, até chegar ao outro lado. E jamais olhou para trás!

Há um pequeno afluente do Ganges que banha os arredores de Laxmangarh. É por ali que, toda segunda-feira, chegam os barcos vindo do mundo lá fora, trazendo diversos produtos para abastecer o lugar. A aldeia tem apenas uma rua, dividida ao meio por uma vala reluzente de esgoto. Dos dois lados desse lameiro, fica o mercado: três lojas, mais ou menos idênticas, vendendo produtos mais ou menos identicamente adulterados e passados, como arroz, óleo de cozinha, querosene, biscoitos, cigarros e açúcar mascavo. Na extremidade do mercado, existe uma torre cônica, alta e caiada, toda pintada com cobras negras entrelaçadas: é o templo. Lá dentro, o senhor vai encontrar a imagem de uma criatura meio homem, meio macaco, pintada de cor de açafrão. Trata-se de Hanuman, o deus preferido do povo da Escuridão. Já ouviu falar de Hanuman? Era o fiel servidor do deus Rama, e é adorado nos nossos templos por ser o exemplo perfeito de como servir a nossos amos com a fidelidade, o amor e a devoção mais absolutos.

Veja só o tipo de deuses que nos impingiram, Mr. Jiabao! Agora V. Ex.^a pode entender como é difícil, para um homem, conquistar a sua liberdade na Índia.

Quanto ao lugar, já chega. Agora, vamos ao povo. É com o maior orgulho que informo a V. Ex.^a que Laxmangarh é a típica aldeia paradisíaca da Índia, devidamente abastecida com eletricidade, água corrente e telefones que funcionam; e que as crianças de lá, criadas à base de uma dieta nutritiva composta de carne, ovos, legumes e grãos, apresentam, quando medidas com fitas e pesadas na balança, a altura mínima e o peso padrão estabelecidos pela Organização das Nações Unidas e outros órgãos, cujos tratados nosso primeiro-ministro assinou e a cujas reuniões ele comparece regularmente e com toda pompa.

Ah!

Postes elétricos — não funcionam.

Torneiras — quebradas.

Crianças — franzinas demais para sua idade, todas elas com uma cabeça desproporcional onde brilham olhos vivos, como a consciência pesada do governo do país.

Exatamente. Uma típica aldeia paradisíaca da Índia, Mr. Jiabao. Um dia desses, preciso ir à China para ver se as suas aldeias paradisíacas são melhores que a minha.

No meio da rua principal, famílias de porcos chafurdam no esgoto — a parte superior do corpo dos animais fica seca, com pelos longos que, de tão grudados uns aos outros, parecem até espinhos; já a parte inferior fica toda preta e reluzente por causa da lama. Dá para ver, de relance, penas em tons de marrom e vermelho vivo: são os galos subindo e descendo do telhado das casas. Passe pelos porcos e pelos galos e chegará à minha casa, se é que ela ainda existe.

Bem diante da porta, V. Ex.^a vai ver o mais importante membro da família.

A búfala d'água.

Ela era a mais gorda de todos nós, e isso valia para todas as casas da aldeia. As mulheres passavam o dia inteiro lhes dando grama fresca para comer; alimentá-las era a principal tarefa da vida delas. Todas as suas esperanças se concentravam na gordura daqueles animais, Excelência. Se a búfala desse bastante leite, as mulheres podiam vender parte dele e, no fim do dia, haveria um pouco mais de dinheiro. A nossa era uma criatura gorda, de pele lustrosa, com uma veia do tamanho do pênis de um menino saltando do focinho peludo, e tinha sempre um filete de baba reluzente pendendo do canto da boca. Passava o dia inteiro sentada em cima da imensa quantidade de bosta que produzia. Aquela búfala era a ditadora lá de casa!

Ao entrar, V. Ex.^a vai ver — se alguma delas ainda estiver viva depois do que eu fiz — as mulheres. Trabalhando no quintal. Minhas tias, minhas

primas e Kusum, minha avó. Uma delas prepara a comida da búfala; outra cata o arroz; uma terceira, de cócoras, examina a cabeça de uma das outras, matando piolhos entre duas unhas. De quando em quando, interrompem o trabalho que fazem porque é hora de brigar. Isso significa se atirar vasilhas de metal ou trocar puxões de cabelo, e, depois, fazer as pazes, depositando um beijo na palma das mãos e apertando, com elas, o rosto da outra. À noite, dormem todas juntas, com as pernas emboladas, como uma única criatura, uma centopeia.

Os homens e os meninos dormem na outra ponta da casa.

O dia começa bem cedo. Os galos parecem enlouquecidos pela aldeia afora. Uma mão me sacode para me acordar... Tiro as pernas de meu irmão Kishan da minha barriga, afasto a mão de meu primo Pappu da minha cabeça, e consigo sair do meio de todos os que ainda dormem.

— Venha, Munna.

É meu pai, me chamando lá da porta.

Corro ao seu encontro. Saímos da casa e soltamos a búfala do mourão onde ela fica amarrada. Vamos levá-la para o seu banho matinal, lá no lago ao pé do Forte Negro.

A fortificação fica no topo de uma colina que domina a aldeia. Gente que já esteve em outros países me disse que ela é tão bonita quanto qualquer outra da Europa. Os turcos, os afegãos, os ingleses, ou quem quer que fossem os estrangeiros que governavam então a Índia devem tê-la construído séculos atrás.

(Porque essa terra, a Índia, jamais foi livre. Primeiro, foram os muçulmanos que vieram mandar em nós; depois, os britânicos. Em 1947, os britânicos foram embora, mas só um ser sem inteligência acreditaria que nos tornamos livres nessa época.)

Agora, que já faz muito tempo que os estrangeiros abandonaram o Forte Negro, ele é habitado por um bando de macacos. Ninguém mais sobe até lá, a não ser algum pastor levando o seu rebanho de cabras para pastar.

Ao amanhecer, o lago que bordeja o forte reluz ao sol nascente. Uns pedregulhos caídos das muralhas rolaram pela colina e jazem ali no lago,

úmidos e parcialmente submersos naquela água lamacenta, como os hipopótamos adormecidos que eu veria, anos mais tarde, no Zoológico Nacional de Nova Déli. Por toda a superfície do lago, há lótus e lírios. A água cintila como prata, e a búfala vai andando por dentro dela, comendo as folhas dos lírios e fazendo surgirem umas ondas que se espalham, formando um grande V, a partir do seu focinho. O sol se ergue sobre a búfala, sobre meu pai, sobre mim e sobre o meu mundo.

Às vezes, acredite, chego quase a sentir saudade desse lugar.

Mas voltemos ao cartaz...

O suspeito foi visto pela última vez usando uma camisa de poliéster de xadrez azul, calças de poliéster laranja, sandálias bordô...

“Sandálias bordô” — argh! Só mesmo um policial para inventar um detalhe como esse. O que nego categoricamente.

“Camisa de poliéster de xadrez azul, calças de poliéster laranja”... Bom, adoraria negar isso também, mas, infelizmente, eles tinham razão. Sabe, Excelência, é aquele tipo de roupa que atrai a atenção dos empregados domésticos. E eu ainda era um deles na manhã em que fizeram esse cartaz. (Mais para o fim do dia, já era um homem livre — e usava roupas diferentes!)

Mas há uma frase nesse cartaz que me chateia de verdade — deixe-me voltar atrás por um minuto e consertá-la:

...filho de Vikram Halwai, condutor de riquixá...

Mr. Vikram Halwai, condutor de riquixá... Por favor! Meu pai era pobre, mas era um homem honrado e corajoso. Se não fosse pela educação que me deu, eu não estaria aqui, agora, debaixo desse lustre.

À tarde, depois da escola, eu ia até a casa de chá para vê-lo. O local era o ponto de encontro de Laxmangarh; o ônibus, vindo de Gaya, parava ali diariamente, ao meio-dia (nunca se atrasando mais que uma ou duas horas), e era também ali que os policiais estacionavam o seu jipe quando

vinham ferrar alguém na aldeia. Um pouco antes do pôr do sol, um homem contornava a casa de chá três vezes, tocando um sino bem alto. Preso à traseira da bicicleta, havia um cartaz de papelão, anunciando um filme pornográfico — que aldeia indiana tradicional estaria completa sem o seu cinema poeira, sr. primeiro-ministro? Do outro lado do rio tinha um que exibia esse tipo de filme toda noite; eram duas horas e meia de primores com títulos como *Ele era um homem de verdade*, ou *Abrimos o seu diário*, ou ainda *Quem fez isso foi o tio*, todos estrelados por mulheres louras vindas dos Estados Unidos ou por senhoras solitárias de Hong Kong — pelo menos, era assim que eu os imaginava, Mr. Jiabao, já que nunca me juntei aos outros rapazes para ver um desses filmes!

Os condutores de riquixá estacionavam os seus veículos em fila, diante da casa de chá, esperando que o ônibus despejasse ali seus passageiros.

Eles não podiam se sentar nas cadeiras de plástico destinadas aos clientes; tinham de ficar acocorados, nos fundos da loja, naquela pose tão comum entre os criados em qualquer parte da Índia. Meu pai nunca se agachava — lembro bem disso. Preferia ficar de pé, por mais longa que fosse a espera e por mais desconfortável que pudesse se sentir. Eu o encontrava sem camisa, geralmente sozinho, tomando um chá e pensando.

Aí, ouvia-se a buzina de um veículo.

Os porcos e os vira-latas que ficavam por ali se dispersavam e o cheiro de poeira, de terra e de bosta de porco invadia a casa de chá. Era um Hindustan, modelo Ambassador, que tinha parado bem ali em frente. Meu pai deixava o seu chá e vinha para fora.

A porta do carro se abria e descia um homem com um caderno. Os fregueses da casa de chá podiam continuar comendo, mas meu pai e os outros formavam uma fila.

O homem com o caderno não era o Búfalo; era seu assistente.

Dentro do carro, havia outro homem; um sujeito moreno e corpulento, com uma careca que deixava ver as mossas da cabeça, uma expressão serena no rosto e um fuzil no colo.

Esse era o Búfalo.

O Búfalo era um dos manda-chuvas de Laxmangarh. Havia ainda outros três, e cada um deles tinha um nome correspondente às peculiaridades do seu apetite.

O Cegonha era um homem gordo, com um bigode espesso enorme, recurvado e enrolado nas pontas. Era dono do rio que passava nos arredores da aldeia, por isso, ficava com parte de tudo que cada pescador apanhasse ali e cobrava uma taxa de cada barqueiro que atravessasse aquelas águas para chegar ao vilarejo.

O irmão dele era chamado de Javali e era dono de todas as terras aráveis ao redor de Laxmangarh. Se alguém quisesse trabalhar nessas terras, tinha de se curvar aos seus pés e beijar o chão debaixo de seus chinelos, concordando em aceitar o preço que ele pagava por dia. Quando passava perto de alguma mulher, o Javali mandava parar o carro. A janela baixava, revelando o seu sorriso: dois de seus dentes, um de cada lado do nariz, eram longos e meio recurvados, como pequenas presas.

O Corvo era dono das piores terras da região, aquele terreno seco e pedregoso da colina onde ficava o forte, e cobrava um tributo de cada pastor que fosse até ali, levando suas cabras para pastar. Se estes não tivessem o dinheiro necessário, ele logo tratava de comer o rabo deles. Ou seja, comia o que encontrasse pela frente. Daí seu apelido.

Dos quatro, o Búfalo era o mais voraz. Tinha abocanhado os riquixás e as estradas. Portanto, quem tivesse um riquixá ou usasse a estrada tinha que pagar uma taxa: um terço de tudo que a pessoa ganhasse, não menos que isso.

Esses quatro Animais moravam em casas protegidas por muros altos, nos arredores de Laxmangarh: eram as mansões dos manda-chuvas. Lá dentro, tinham seus próprios templos, seus próprios poços e lagos, e não precisavam vir à aldeia, a não ser para encher a pança. Antigamente, os filhos deles circulavam por ali em seus próprios carros; Kusum lembrava dessa época. Mas, depois que o filho do Búfalo foi sequestrado por membros do Naxal — talvez já tenha ouvido falar deles, Mr. Jiabao, pois eram comunistas, exatamente como V. Ex.^a, e saíam por aí atirando em

gente rica por uma questão de princípios —, os quatro Animais mandaram todos os filhos para longe, para Dhanbad ou para Déli.

Os filhos foram embora, mas os Animais ficaram por lá e continuaram a devorar a aldeia e tudo o que crescesse na região, até que acabou a comida para todos. Então, os habitantes de Laxmangarh tiveram que sair dali para conseguir comida. Anualmente, todos os homens do vilarejo formavam um grande grupo, que ficava esperando na porta da casa de chá. Quando os ônibus chegavam, eles embarcavam para Gaya — se empilhando dentro do veículo, se pendurando nas grades das janelas, subindo no teto. De lá, iam para a estação e corriam para pegar o trem — se empilhando dentro dos vagões, se pendurando nas grades das janelas, subindo no teto —, e seguiam para Déli, Calcutá e Dhanbad em busca de trabalho.

Um mês antes de começarem as chuvas, os homens voltavam de Dhanbad, Déli e Calcutá mais magros, mais morenos, mais irritados, porém com dinheiro no bolso. As mulheres estavam à sua espera. Escondiam-se atrás da porta e, assim que os homens punham o pé em casa, pulavam sobre eles como gatos-do-mato diante de um pedaço de carne. Havia briga, choro, gritaria. Meus tios resistiam e conseguiam guardar parte daquele dinheiro, mas elas sempre conseguiam arrancar a pele do meu pai. “Sobrevivi à cidade grande”, dizia ele, enfurnado num canto do quarto, “mas não consigo sobreviver às mulheres na minha própria casa”. Depois de darem de comer à búfala, as mulheres vinham preparar o seu jantar.

Então, eu me aproximava, brincava um pouco com ele, subindo nas suas costas, passando a mão por sua testa, por seus olhos, seu nariz, e ia descendo até chegar à pequena depressão na base do seu pescoço. Botava o dedo ali, e o deixava ficar — até hoje, essa é a minha parte favorita do corpo humano.

O corpo de um homem rico é como um travesseiro de algodão de primeiríssima: branco, macio e sem marcas. *O nosso* é diferente. A coluna do meu pai era uma corda cheia de nós, daquele tipo que as mulheres usam, nas aldeias, para tirar água do poço; os ombros encurvados ao redor

do pescoço, formando um relevo que parecia até uma coleira de cachorro; cortes, talhos e cicatrizes, como chicotadas em sua pele, percorriam seu peito e todo o seu torso, descendo até os quadris e a bunda. A história da vida de um pobre é escrita na sua pele, com uma caneta de ponta bem afiada.

Meus tios também davam duro, mas faziam o mesmo que todos por aqui. A cada ano, assim que começavam as chuvas, iam para o campo com as foices enferrujadas e imploravam trabalho a um dos manda-chuvas da região. Então, passavam aquele período semeando, arrancando ervas daninhas e colhendo milho e arroz. Meu pai poderia ir trabalhar com eles; poderia ir revirar a terra enlameada dos manda-chuvas, mas optou por não fazer isso.

Optou por lutar contra isso.

Ora, já que duvido que existam condutores de riquixá na China — ou em qualquer outra nação civilizada do planeta —, isso é uma coisa que V. Ex.^a vai ter de ver com seus próprios olhos. Os riquixás são proibidos de circular nos bairros elegantes de Déli, onde os estrangeiros poderiam vê-los e ficar boquiabertos. Insista para ir à Velha Déli, ou a Nizamuddin — ali vai ver as ruas repletas desses veículos: homens magros, parecendo umas varetas, encurvados no selim de uma bicicleta, pedalando para transportar uma carrocinha que leva um monte de carne de classe média; uns indivíduos gordos com a esposa gorda e todas as suas sacolas de compras e de supermercado.

E, quando vir esses sujeitos magricelas, lembre-se do meu pai.

Ele pode ter sido condutor de riquixá — uma besta de carga humana —, mas era um homem que tinha planos para o futuro.

Seu plano era *eu*.

Um dia, perdeu as estribeiras e começou a gritar com as mulheres lá de casa. Foi quando elas lhe disseram que eu não estava indo à escola. E meu pai fez uma coisa que nunca tinha ousado fazer antes: gritou com minha avó.

— Quantas vezes já lhe disse que Munna *tem* que saber ler e escrever?

Kusum ficou estarrecida, mas só por um instante.

— Foi esse moleque que voltou correndo da escola — retrucou ela, também aos gritos. — Não venha com acusações para cima de mim! Ele é um covarde, e come demais. Arranje trabalho para ele na casa de chá e faça com que traga dinheiro para casa.

Minhas tias e minhas primas se reuniram ao seu redor. Fiquei todo encolhido atrás de meu pai, enquanto elas lhe contavam a história da minha covardia.

Ora, V. Ex.^a pode achar incrível que um menino do interior tenha medo de lagartos. Ratos, cobras, macacos e mangustos não me incomodam em absoluto. Pelo contrário, *adoro* bichos. Mas lagartos... sempre que vejo um, por menor que seja, é como se eu virasse uma menina. Meu sangue gela nas veias.

Na minha sala de aula, tinha um armário enorme cuja porta ficava sempre entreaberta — ninguém sabia para que aquilo servia. Certa manhã, a porta se abriu com um rangido e um lagarto pulou lá de dentro.

Era verde-claro, como uma goiaba meio madura. Sua língua ficava entrando e saindo da boca, e ele tinha, no mínimo, uns sessenta centímetros de comprimento.

Os outros meninos mal deram pela sua presença. Até que alguém viu a cara que eu estava fazendo. Logo, todos me cercaram.

Dois deles puseram minhas mãos para trás, me imobilizaram e seguraram bem firme a minha cabeça. Alguém pegou aquela coisa e veio se aproximando, andando a passos lentos, bem exagerados. Sem fazer barulho — só pondo aquela língua vermelha para fora e para dentro —, o lagarto foi chegando cada vez mais perto do meu rosto. Os meninos riam mais e mais. Eu não conseguia emitir um som que fosse. O professor roncava lá na sua mesa, às minhas costas. A cara do lagarto ficou pertinho da minha. Então, ele abriu aquela boca verde-clara e eu desmaiei pela segunda vez na vida.

Daquele dia em diante, não voltei à escola.

Meu pai não riu quando ouviu essa história. Respirou fundo. Como estava encostado nele, pude sentir seu peito se expandindo.

— Você deixou Kishan largar a escola, mas eu lhe disse que esse aqui tem que continuar. A mãe dele me disse que Munna tinha de completar os estudos. A mãe dele disse...

— Ora, que se dane a mãe dele! — berrou Kusum. — Era uma maluca, e ainda bem que já morreu. Agora, ouça bem o que vou lhe dizer: deixe o menino ir trabalhar na casa de chá, como Kishan, e pronto!

No dia seguinte, meu pai me levou à escola pela primeira e última vez. Amanhecia; o lugar estava deserto. Empurramos a porta. Uma luzinha azulada tomou conta da sala. Ora, o nosso professor era um homenzarrão que ficava o tempo todo mascando *paan* e cuspiendo, e as suas cusparadas formavam uma espécie de papel de parede vermelho na parte baixa de três das quatro paredes que nos cercavam. Quando pegava no sono, o que geralmente fazia por volta do meio-dia, roubávamos *paan* do seu bolso, dividíamos entre nós todos e ficávamos mascando aquilo. Depois, imitando o seu estilo — mãos nas cadeiras, costas ligeiramente arqueadas para trás —, nos revezávamos cuspiendo naquelas três paredes imundas.

Um quadro desbotado do senhor Buda, cercado de veados e esquilos, decorava a quarta parede, a única que o professor poupava. O lagarto gigantesco, cor de goiaba meio madura, estava diante dessa parede, fingindo ser um dos animais aos pés do senhor Buda.

Virou a cabeça na nossa direção e vi seus olhos brilharem.

— É esse aqui o monstro?

O lagarto virou a cabeça para um lado e para o outro, procurando uma saída. Começou, então, a bater na parede. Não havia muita diferença entre nós dois: ele também estava apavorado.

— Não o mate, pai, por favor! Só atire ele pela janela!

O professor estava deitado num canto da sala, cheirando a bebida, roncando sonoramente. Ao seu lado, estava o jarro do grogue que ele tinha tomado na véspera. Meu pai apanhou o recipiente.

O lagarto saiu correndo e meu pai foi atrás, brandindo o jarro em direção do animal.

— Não o mate, pai, por favor!

Mas ele não me deu ouvidos. Chutou o armário; o lagarto saiu em disparada e meu pai voltou a persegui-lo, derrubando tudo ao seu redor e gritando: “Eia, eia!” Bateu no bicho até o jarro se quebrar. Esmagou o pescoço do animal com um soco. Pisoteou a sua cabeça.

Senti um cheiro acre no ar: o fedor da carne esmigalhada. Ele pegou o lagarto morto e o atirou porta afora.

Sentou-se, então, ofegante, junto ao quadro do senhor Buda cercado de animais dóceis.

Quando recobrou o fôlego, disse:

— A vida toda, fui tratado como um burro. Tudo o que queria era que um filho meu, pelo menos um deles, pudesse viver como homem.

O que significava viver como homem era um mistério. Achei que talvez fosse viver como Vijay, o chofer do ônibus. O ônibus parava em Laxmangarh por meia hora; os passageiros desembarcavam e ele descia para tomar uma xícara de chá. Ora, aquele era um homem que atraía a atenção de todos nós que trabalhávamos ali. Admirávamos o seu uniforme cáqui, o seu apito prateado e o cordão vermelho que o prendia em seu bolso. Tudo nele dizia: esse aí se deu bem na vida.

A família de Vijay criava porcos, o que significa que eram a escória da escória, e, mesmo assim, ele se deu bem na vida. Sabe-se lá como, ficou amigo de um político. Dizem que esse tal político comia a bunda dele. Seja como for, Vijay fez o que tinha de fazer: foi o primeiro indivíduo que conheci que tinha espírito empreendedor. Conseguiu um emprego e um apito prateado; e, quando o apitava — na hora em que o ônibus ia embora —, todos os meninos da aldeia ficavam enlouquecidos e saíam correndo atrás do veículo, batiam na lataria, implorando para ir também. Eu queria ser como Vijay — com um uniforme, um cheque de pagamento, um apito luzidio com um som estridente, e as pessoas me olhando com aqueles olhares que diziam: *Puxa, como ele parece importante...*

Já são duas horas da manhã, sr. primeiro-ministro. Logo, logo vou ter de parar. Vou olhar na tela do laptop para ver se tem alguma informação útil aqui.

Deixando de lado uns poucos detalhes sem importância...

...em Dhaulakuan, na cidade de Nova Déli, na noite de 2 de setembro, perto do hotel ITC Maurya Sheraton...

Esse hotel, o Sheraton, é o mais chique de Déli. Nunca entrei lá, mas era onde o meu ex-patrão, Mr. Ashok, ia sempre tomar os seus drinques de fim de noite. Dizem que, no subsolo, há um excelente restaurante. V. Ex.^a deveria ir até lá, se tiver oportunidade.

...o indivíduo procurado era motorista de um Honda City na época do referido incidente. A ocorrência foi registrada sob o nº 438/05, D.P. Dhaulakuan, Déli. Acredita-se ainda que ele esteja de posse de uma bolsa contendo certa quantidade de dinheiro em espécie.

Deviam ter dito que era uma bolsa *vermelha*. Sem a cor, a informação é simplesmente inútil, não acha? Não é de espantar que ninguém a tenha visto.

Certa quantidade de dinheiro em espécie. Abra qualquer jornal deste país e verá a mesma merda: “*Certa parte interessada andou espalhando boatos*”, ou “*Certa comunidade religiosa não aceita a contracepção*”. *Odeio* isso.

Setecentas mil rupias.

Essa era a quantia escondida naquela bolsa vermelha. E, pode acreditar no que lhe digo, a polícia sabia disso muito bem. Não sei quanto daria isso em moeda chinesa, Mr. Jiabao. Mas, aqui, dá para comprar dez Macintosh prateados lá em Cingapura.

O cartaz não menciona a minha escola, o que é uma pena. Sempre se deve falar da instrução de um homem quando se faz a sua descrição. Eles deviam ter dito algo como: *O suspeito estudou numa escola onde havia lagartos*

*image
not
available*

professor, todo encolhido ao seu lado, só fazia dizer:

— Sinto muito, senhor. Sinto muito.

— Aqui não tem apagador; não tem cadeiras; não tem uniformes para os meninos. Quanto dinheiro você roubou da verba que recebeu, seu filho da mãe?

O inspetor escreveu quatro frases no quadro e, com a bengala, apontou para um menino:

— Leia.

Os meninos foram se levantando, um atrás do outro, e ficaram ali plantados olhando para a parede.

— Experimente Balram, senhor — disse o professor. — Ele é o mais inteligente da turma. Lê bastante bem.

Então, levantei e li: “Vivemos numa terra gloriosa. Foi aqui que o senhor Buda recebeu a iluminação. O rio Ganges dá vida às nossas plantas, aos nossos animais e à nossa gente. Damos graças a Deus por ter nascido nesta terra.”

— Muito bem — disse o inspetor. — E quem foi o senhor Buda?

— Foi um homem iluminado.

— Um *deus* iluminado.

(Pronto! Trinta e seis milhões e cinco!)

O inspetor mandou que eu escrevesse o meu nome no quadro; depois, me mostrou o relógio de pulso e perguntou que horas eram. Pegou a carteira, tirou dali uma pequena foto e me perguntou:

— Quem é este homem, o mais importante das nossas vidas?

Era a foto de um sujeito gorducho, bochechudo, de cabelo branco todo arrepiado, usando uns grossos brincos de ouro, e com um rosto iluminado pela inteligência e pela bondade.

— É o Grande Socialista.

— Ótimo. E qual é a mensagem do Grande Socialista para as crianças pequenas?

Eu tinha visto a resposta na fachada de um templo: um guarda a escreveu ali um dia, com tinta vermelha.

*image
not
available*

esses rapazes e garotas das centrais telefônicas vão embora do escritório e voltam para casa. É aí que preciso ficar ao lado do telefone.

Não tenho celular, por razões óbvias — eles corroem o cérebro humano, fazem os nossos testículos encolherem e secam o nosso sêmen, como bem sabemos —, portanto, tenho de ficar no escritório. Para o caso de haver uma crise.

Sou aquele a quem todos recorrem quando estão em crise!

Rapidinho, vamos ver se há mais alguma coisa...

... pede-se a qualquer pessoa que disponha de informações ou pistas sobre esse indivíduo que tenha a bondade de entrar em contato pela página do CBI, a agência governamental de investigações (<http://cbi.nic.in>), por e-mail (diccbi@cbi.nic.in), pelo fax nº 011-23011334, pelo telefone nº 011-23014046 (linha direta), 011-23015229 e 23015218, ramal 210, ou ainda pelo endereço ou pelos telefones abaixo.

DP 3687/05

SHO — Dhaula Kuan, Nova Déli

Tel.: 28653200, 27641000

No meio do texto, puseram uma foto. É uma coisa meio fora de foco, escurecida e manchada pela copiadora velha de alguma delegacia de polícia. Já quando estava pendurada na parede da estação ferroviária, mal se podia distinguir o que havia ali, mas, agora, transferida para a tela do computador, reduzida a pixels, dá apenas uma ideia abstrata do rosto de um homem: um sujeito baixinho, com olhos grandes e saltados, e um bigodinho. Na verdade, poderia ser a imagem de metade dos homens da Índia.

Despeço-me, por esta noite, sr. primeiro-ministro, com um comentário acerca das falhas do trabalho da polícia na Índia. Ora, deviam ter mandado um ônibus repleto de homens vestidos de cáqui — afinal de contas, era um caso sensacional — até Laxmangarh para investigar o meu desaparecimento. Esses policiais deviam ter interrogado os comerciantes,

*image
not
available*

SEGUNDA NOITE

*image
not
available*

Kishan e eu levamos nosso pai lá para dentro, pisando nos cocôs de bode que tinham se espalhado pelo chão como uma constelação de estrelas pretas. Não tinha médico no hospital. O atendente da enfermaria, depois de lhe darmos uma gorjeta de dez rupias, disse que talvez viesse um médico de noitinha. As portas de todos os quartos estavam escancaradas; as camas tinham molas quebradas aparecendo, e o gato começou a bufar para nós assim que entramos no quarto.

— É melhor não ficar aí dentro. O animal já farejou sangue.

Dois muçulmanos tinham esticado um jornal no chão para sentar em cima. Um deles, que tinha uma ferida aberta na perna, nos convidou a nos sentar ali também. Kishan e eu ajeitamos o nosso pai naquele jornal, e ficamos esperando.

Chegaram duas meninas que se sentaram atrás de nós; ambas tinham os olhos amarelos.

— Icterícia. Foi *ela* que passou para mim.

— Não foi, não. *Você* é que me passou. E, agora, nós duas vamos morrer!

Chegou um velho, com um chumaço de algodão num dos olhos, e sentou atrás das meninas.

O muçulmano ia botando mais folhas de jornal no chão, e a fila de olhos doentes, feridas abertas e bocas delirantes só fazia crescer.

— Por que *não* tem médico aqui, tio? — perguntei. — É o único hospital das duas margens do rio.

— Mas é assim que as coisas funcionam — disse o muçulmano mais velho. — Há um superintendente do governo que, supostamente, deveria fiscalizar os médicos que trabalham em hospitais de aldeias como este aqui. Só que, sempre que esse cargo fica vago, o Grande Socialista manda divulgar para todos os médicos importantes que está leiloando o cargo. Hoje em dia, ele vale cerca de quatrocentas mil rupias.

— Tudo isso? — exclamei, boquiaberto.

— Por que não? Dá para se ganhar muito bem no serviço público! Imagine que sou médico. Saio pedindo dinheiro emprestado e entrego tudo

*image
not
available*

cidade, havia muito carvão, mais carvão do que em qualquer outro ponto da Escuridão, talvez mais carvão do que em qualquer outro lugar do mundo. Os mineiros vinham comer na minha casa de chá e sempre atendi a todos eles muito bem, porque eram as pessoas com as melhores histórias para contar.

Diziam que as minas se estendiam por quilômetros e quilômetros além dos limites da cidade. Em alguns pontos, havia fogueiras acesas debaixo da terra, lançando fumaça no ar — fogueiras que vinham queimando ininterruptamente, por séculos a fio!

E foi na casa de chá dessa cidade feita de carvão, enquanto ficava limpando as mesas e me abaixando para ouvir as conversas, que a minha vida mudou.

— Sabe, às vezes acho que fiz besteira em me tornar mineiro.

— Ora, mas o que mais alguém como você poderia ser? Político?

— Hoje em dia, todo mundo está comprando carro. Sabe quanto essa gente paga aos motoristas? Mil e setecentas rupias por mês!

Deixei cair o pano que estava segurando. Corri ao encontro de Kishan, que estava limpando as entranhas de um fogão.

Depois da morte de meu pai, era ele que cuidava de mim. Não pretendo esconder o papel que desempenhou para fazer de mim o que sou hoje. Mas ele não tinha ousadia em termos de empreendedorismo. Ficaria feliz em me deixar afundar na lama.

— Nem pensar — disse Kishan. — Vovó mandou a gente ficar na casa de chá, e é o que vamos fazer.

Fui a todos os pontos de táxi; de joelhos, implorei a estranhos, aleatoriamente; mas ninguém concordou em me ensinar a dirigir de graça. Aprender a dirigir um carro ia me custar trezentas rupias.

Trezentas rupias!

Hoje, em Bangalore, não consigo arranjar funcionários. As pessoas entram e saem. Quem é bom nunca fica. Estou até pensando em pôr anúncio no jornal.

*image
not
available*

logo vieram nos abordar. O velho motorista mandou que se afastassem, já que era a minha primeira vez.

— Deixem ele curtir a vista primeiro — exclamou. — Afinal, essa é a melhor parte da brincadeira, não é mesmo? Olhar para elas!

— Claro, claro — disseram os homens, recuando. — É exatamente o que queremos que faça: que curta bastante!

Continuei seguindo o velho, de boca aberta, chegando a perder o fôlego diante daquelas mulheres lindíssimas que me gozavam e me provocavam por detrás das janelas gradeadas. Todas me chamando para trepar com elas!

O velho taxista me explicou a natureza dos artigos em oferta. Num dos prédios, sentadas no parapeito, de um jeito que dava para a gente ver toda a extensão das suas pernas negras luzidias, ficavam as “americanas”: garotas de saias curtinhas e sapatos de plataforma altíssimos, usando bolsas cor-de-rosa com nomes em inglês bordados com lantejoulas. Eram magras e atléticas, para homens que gostam do estilo ocidental. Num canto, sentadas na soleira da porta de uma casa, as “tradicionais”: mulheres roliças, gorduchas, usando sáris, para quem gosta de fazer valer o dinheiro que paga. Numa das janelas, havia eunucos; na outra, adolescentes. O rosto de um menininho apareceu por entre as pernas de uma mulher, e, depois, sumiu de novo.

De repente, um clarão ofuscante: uma porta azul se abriu e quatro mulheres nepalesas, de pele clara, usando umas fantásticas peças de lingerie vermelhas, vieram espiar a rua.

— São essas! — gritei. — Essas aí! Essas aí!

— Ótimo — disse o velho motorista. — Também fazem o meu gênero. Sempre vou com as estrangeiras.

Entramos. Ele pegou uma daquelas mulheres e eu, outra. Fomos para dois quartos e a mulher que escolhi fechou a porta às minhas costas.

Minha primeira vez!

Meia hora mais tarde, quando o velho e eu voltamos para a casa dele, cambaleando, bêbados e felizes, pus carvão no seu narguilé, levei até onde

*image
not
available*

O Cegonha e Mr. Ashok foram no banco de trás; um sujeito baixinho, de pele escura — Mukesh Sir, o outro filho do Cegonha —, entrou no banco da frente e começou a me dar ordens. Quando saí com o carro pelo portão, rumo à cidade de Dhanbad, o segurança nepalês ficou só olhando, de cara amarrada.

Mandaram eu ficar circulando por meia hora, e, depois, disseram para voltarmos.

— Nada mau — disse o velho, ao sair do carro. — O rapaz é prudente e dirige bem. Como é mesmo o seu sobrenome?

— Halwai.

— Halwai... — E, virando-se para o homenzinho de pele escura: — De que casta é, superior ou inferior?

E tive a certeza de que o meu futuro dependia da resposta àquela pergunta.



Preciso explicar umas coisinhas sobre as castas. Até os indianos se atrapalham com essa palavra, principalmente, os mais educados, que vivem nas cidades grandes. Fariam a maior confusão se tentassem explicar isso a V. Ex.^a. Mas, na verdade, é bem simples.

Vamos começar por mim.

Veja, o meu sobrenome, Halwai, significa “fabricante de doces”.

Esta é a minha casta, o meu destino. Lá na Escuridão, qualquer um que ouça esse nome saberá de imediato tudo a meu respeito. É por isso que Kishan e eu saíamos arranjando emprego em confeitarias por onde quer que passássemos. O dono pensava: “Ah, eles são *halwais*; fazer doces e chá está no seu sangue.”

Mas, se éramos *halwais*, então por que meu pai era condutor de riquixá em vez de trabalhar fazendo doces? Por que cresci quebrando carvão e limpando mesas em vez de ficar comendo *gulab jamuns* e outros doces onde

*image
not
available*

primeiro-ministro. Um *halwai*. Quando criança, estive com ele uma ou duas vezes.

O empregado disse que não tinha nada a ver com o sequestro. O Búfalo não acreditou e mandou quatro dos seus capangas torturarem o rapaz. Depois, lhe deram um tiro na cabeça.

Está certo. Eu faria o mesmo com alguém que deixasse o meu filho ser sequestrado.

Só que, depois, já que o Búfalo tinha certeza de que o homem tinha deixado, deliberadamente, que sequestrassem o menino, por dinheiro, também resolveu perseguir a família dele. Um de seus irmãos foi atacado quando trabalhava na lavoura: mataram o sujeito de tanta pancada. Três homens, agindo em conjunto, deram cabo da mulher desse irmão. Uma irmã, ainda solteira, também foi assassinada. Então, os quatro capangas cercaram a casa onde a família morava e puseram fogo nela.

Ora, quem ia querer que uma coisa dessas acontecesse à sua família, sr. primeiro-ministro? Que espécie de monstro desumano ia entregar sua própria avó, seu irmão, sua tia, seus sobrinhos e sobrinhas à morte?

O Cegonha e seus filhos podiam contar com a minha lealdade.

Quando voltei, o nepalês abriu o portão sem dizer uma palavra. Agora, eu era alguém da casa.

Na medida do possível, já que patrão é patrão, Mr. Ashok, Mukesh Sir e o Cegonha eram quase nota dez. Naquela casa, sempre havia bastante comida para os empregados. Aos domingos, o prato era especial: arroz misturado com pedacinhos vermelhos de galinha desossada. Nunca tinha comido galinha assim regularmente na vida; a gente se sente um verdadeiro rei, comendo galinha todo domingo e, depois, lambendo os dedos. Tinham me dado um quarto com telhado e tudo para dormir. Está certo que precisava dividi-lo com o outro motorista, um sujeito meio sinistro, chamado Ram Persad, e ele tinha uma cama bem legal, ao passo que eu dormia no chão. Seja como for, um quarto com telhado é um quarto com telhado, e era muito melhor do que dormir na rua, como Kishan e eu fazíamos o tempo todo desde que viemos para Dhanbad. Mas, acima de

*image
not
available*

relação aos indivíduos dotados de espírito empreendedor: somos feito esponjas, vamos absorvendo as coisas e crescendo.

Senti uma pancada brusca na cabeça.

Ergui o olhar e vi o Cegonha, com a mão ainda aberta sobre a minha cabeça, me encarando.

— Sabe por que fiz isso?

— Sei, sim, senhor — respondi, com um sorriso largo estampado no rosto.

— Ótimo.

Um minuto depois, ele voltou a me dar um tapa na cabeça.

— Diga-lhe de uma vez o que quer, pai. Não acredito que ele saiba. Você está fazendo com muita força, rapaz. Está se entusiasmando. E meu pai ficou aborrecido. Vá mais devagar.

— Sim, senhor.

— Precisa bater assim nos empregados, pai?

— Isso aqui não é os Estados Unidos, filho. Não me faça perguntas como essa.

— Por que não posso perguntar?

— É isso que eles esperam de nós, Ashok. Lembre-se: é por isso que nos respeitam.

Ora, Pinky Madam nunca participava dessas conversas. Nunca saía do quarto, a não ser para jogar *badminton* com Ram Persad, sempre usando óculos escuros. Eu ficava me perguntando qual seria o seu problema, será que estava brigada com o marido? Será que ele não estava dando no couro?

Quando o Cegonha disse “A água está esfriando” pela segunda vez e tirou os pés do balde, meu trabalho estava terminado.

Jogava aquela água já fria na pia.

Passava dez minutos lavando as mãos, enxugava bem e voltava a lavá-las, mas não fazia a menor diferença. Por mais que a gente lave as mãos depois de ter massageado os pés de um homem, o cheiro daquela pele velha e escamosa não sai, fica entranhado pelo resto do dia.

*image
not
available*

daquelas coisas mágicas que ele tinha trazido de Nova York, como o sotaque e o perfume meio frutado que passava no rosto depois de fazer a barba.

Dois dias depois, Ram Persad e o nepalês de olhos oblíquos estavam fofocando. Peguei uma vassoura, comecei a varrer o quintal e, aos poucos, fui chegando mais perto deles.

— Sabia que ela é cristã?

— Não diga!

— É, sim!

— E ele se casou com ela?

— Eles se casaram nos Estados Unidos. Quando nós, indianos, vamos para lá, deixamos de respeitar as castas — disse o nepalês.

— O velho não queria esse casamento de jeito algum. Ninguém aqui ficou feliz com isso.

— Então, como foi que aconteceu?

— Ei, está bisbilhotando a nossa conversa? — exclamou o nepalês, ao perceber a minha presença.

— Não, senhor.



Certa manhã, alguém bateu à porta do quarto dos motoristas, e, quando saí, Pinky Madam estava parada ali, com duas raquetes nas mãos.

Num dos cantos do quintal, tinham amarrado uma rede em duas estacas; ela ficou de um lado e eu, do outro. Atirou a peteca, que subiu no ar e, depois, caiu no chão junto aos meus pés.

— Ei! Mexa-se! Rebata!

— Desculpe, madame. Sinto muito.

Eu nunca tinha jogado aquilo antes. Atirei a peteca de volta e ela bateu bem no meio da rede.

— Ah, você *não serve*. Onde está o outro motorista?

*image
not
available*

— É minha terra natal, Pinky. Você não gostaria de conhecê-la? Nasci lá, mas meu pai me mandou para o exterior quando eu ainda era menino. Estava havendo uns problemas com a guerrilha comunista naquela época. Achei que poderíamos...

— Já decidiu quando vamos voltar? — perguntou ela, de repente. — Quero dizer, para Nova York?

— Não. Ainda não. Logo, logo vou ver isso.

Mr. Ashok ficou calado por um minuto. Agora, eu estava realmente de orelha em pé. Se os dois iam voltar para os Estados Unidos, não precisariam mais de um segundo motorista naquela casa.

Ela ficou em silêncio, mas posso jurar que ouvi seus dentes rangendo.

Mr. Ashok, porém, não desconfiou de coisa alguma. Começou a cantarolar uma música de filme até que ela disse:

— *What a fucking joke!*

— O quê?

— É isso mesmo: pura sacanagem sua. Você mentiu quanto a voltarmos para os Estados Unidos, não foi, Ashok? Não pretende voltar para lá, não é mesmo?

— Olhe o motorista, Pinky. Eu lhe explico tudo mais tarde.

— Ora, que importância tem isso? É apenas o motorista. E você só está tentando mudar de assunto mais uma vez!

Um perfume delicioso inundou o carro e percebi que ela devia ter trocado de posição e ajeitado as roupas.

— E nem sei por que precisamos de um motorista! Por que você mesmo não dirige, como fazia antes?

— Pinky, isso era em Nova York. Não dá para dirigir na Índia; veja só esse trânsito... Ninguém obedece a qualquer regra, as pessoas atravessam feito loucas pelo meio da rua, olhe só... Veja isso...

Um trator vinha a toda pela estrada, soltando uma belíssima nuvem de fumaça de diesel pelo cano de descarga.

— E está na contramão! O motorista nem percebeu isso!

*image
not
available*

Kishan tinha mudado. Agora estava mais magro, com a pele mais escura, e os tendões de seu pescoço se destacavam nas clavículas encovadas. De uma hora para outra, tinha virado meu pai.

Vi Kusum rindo, esfregando os braços e falando do meu casamento. Ela própria me serviu o almoço. Quando fez meu prato — tinha preparado galinha só por minha causa —, disse:

— Vamos marcar o casamento mais para o fim do ano, está bem? Já encontramos a pessoa certa para você, uma linda mocinha rechonchuda. Depois do ciclo menstrual, ela poderá vir até aqui.

À minha frente, havia carne e ossos vermelhos, cheios de *curry*, e parecia até que tinham posto carne do próprio corpo de Kishan no meu prato.

— Vó — disse eu, fitando um bom pedaço daquela carne vermelha, com *curry* —, me dê mais um tempo. Ainda não estou pronto para me casar.

Ela ficou boquiaberta.

— Como assim, não está pronto? Vai fazer o que decidirmos. Agora coma, querido — acrescentou, sorrindo. — Fiz galinha só por sua causa.

— Não — disse eu.

— Coma — retrucou ela, empurrando o prato mais para perto de mim. A família toda parou para ver nossa briga.

— Quem pensa que é, um brâmane? Ande, coma! — disse minha avó, apertando os olhos.

— Não! — exclamei, empurrando o prato com tanta força que ele saiu voando, bateu na parede e espalhou aquele *curry* vermelho pelo chão. — Já disse que *não* vou me casar!

Ela ficou tão espantada que nem conseguiu gritar. Kishan se levantou e tentou me deter, mas eu o empurrei, ele caiu no chão e simplesmente saiu porta afora.

As crianças foram correndo atrás de mim, aquelas coisinhas sujas, nascidas de uma tia ou de outra, cujos nomes eu nem queria saber, cujos cabelos eu não queria tocar. Aos poucos, entenderam tudo e voltaram para casa.

*image
not
available*

Mas parou de repente.

— Viu isso, Pinky? — perguntou.

— O quê?

— Viu o que o motorista fez?

Meu coração deu um pulo. Não tinha ideia do que eu pudesse ter feito.

— Você levou o dedo ao olho, não foi, motorista? — indagou ele, inclinando-se um pouco para frente.

— Foi, patrão.

— Você não reparou, Pinky, mas acabamos de passar diante de um templo — prosseguiu Mr. Ashok, apontando para a estrutura cônica que havia ficado para trás, com as cobras negras enlaçadas pintadas na base —, então, o motorista... Como é mesmo o seu nome? — perguntou, tocando no meu ombro.

— Balram.

— Então, Balram levou o dedo ao olho em sinal de respeito. Aqui na Escuridão, os camponeses são tão religiosos...

Já que aquilo pareceu deixar os dois bastante impressionados, pouco depois pus o dedo no olho novamente.

— Por que fez isso agora, motorista? Não estou vendo templo nenhum por aqui...

— É que... acabamos de passar por uma árvore sagrada, patrão. Foi só uma maneira de saudá-la.

— Ouviu isso? Eles cultuam a natureza. É lindo, não é mesmo?

Mr. Ashok e a mulher ficaram de olho em cada árvore ou templo por onde passássemos, e me fitavam, à espera de uma demonstração de piedade. Eu, é claro, dava tal demonstração, e elas foram ficando cada vez mais caprichadas: primeiro, só levava o dedo ao olho, depois, tocava também o pescoço, os ombros e até os mamilos.

Os dois estavam convencidos de que eu era o criado mais religioso da face da Terra. (*Que tal, hein, Ram Persad?*)

A estrada para Dhanbad estava bloqueada. Tinha um caminhão parado bem no meio da pista. E havia um monte de homens usando lenços

*image
not
available*

Se eu tivesse de construir um país, pensaria primeiro em tubulação de esgoto, depois, em democracia, e só então sairia por aí distribuindo panfletos e estatuetas de Gandhi para as outras pessoas. Mas quem sou eu para dizer esse tipo de coisas? Não passo de um assassino!

Não tenho problema algum com a democracia, Mr. Jiabao. Longe disso: devo muito a ela; na verdade, devo-lhe até o meu aniversário. Isso aconteceu naquela época em que eu ficava esmigalhando carvão e limpando mesas na casa de chá de Laxmangarh. De repente, ouvimos palmas vindas lá da direção do retrato de Gandhi: o velho, dono da loja, começou a gritar, mandando que todos parassem o que quer que estivessem fazendo e fossem até a escola.

Um homem, usando um uniforme do governo, estava sentado à mesa do professor, com um livro bem comprido e uma caneta preta, e fazia duas perguntas a cada pessoa ali presente.

— Nome?

— Balram Halwai.

— Idade?

— Não tenho.

— Não tem data de nascimento?

— Não, senhor. Meus pais não registraram isso.

— Você deve ter uns 18 anos — disse ele, olhando para mim. — Acho que está fazendo 18 anos hoje. Simplesmente esqueceu, não é?

— É isso mesmo, senhor — retruquei, fazendo uma reverência. — Esqueci. Hoje é meu aniversário.

— Muito bem.

Então, ele anotou isso no livro e me mandou embora. Foi assim que ganhei um aniversário do governo.

Eu tinha de ter 18 anos. Todos na casa de chá tínhamos de ter 18 anos, a idade legal para votar. E, como a eleição estava chegando, o dono já tinha nos vendido: já tinha vendido as nossas digitais, aquelas marcas com tinta preta que os analfabetos fazem na cédula para indicar o seu voto. Ouvi um cliente conversando sobre isso. Supostamente, aquela seria uma eleição

*image
not
available*

Um dos colegas do meu pai, um sujeito baixinho, de pele escura, em quem ninguém tinha reparado até então, foi cercado por um monte de condutores de riquixá, entre os quais meu próprio pai. Todos tentavam dissuadi-lo, mas sem muito entusiasmo.

Já tinham visto aquela cena antes. A essa altura, não teriam como deter o homem.

De quando em quando, mesmo num lugar como Laxmangarh, aparece um raio de sol. Todos aqueles cartazes, aqueles discursos e aqueles slogans pintados pelas paredes devem entrar na cabeça de um homem. O sujeito se declara então cidadão da democracia da Índia e quer depositar o seu voto na urna. Era isso que o condutor de riquixá estava pretendendo. Ele se declarou libertado da Escuridão: aquele dia era o seu Benares...

E lá se foi o pobre homem, em direção à urna que estava na escola.

— Querem que eu lute contra os ricos, não é isso? — berrava ele. — Não é isso que ficam nos dizendo o tempo todo?

Quando chegou lá, os partidários do Grande Socialista já tinham posto o resultado do lado de fora, num quadro-negro: naquela urna, haviam computado 2.341 votos. Todos tinham votado no Grande Socialista. Vijay, o motorista de ônibus, estava trepado numa escadinha, pregando uma faixa na parede, com o símbolo do Grande Socialista (as mãos rompendo as algemas). Nessa faixa, havia um slogan que dizia:

PARABÉNS AO GRANDE SOCIALISTA, QUE VENCEU AS ELEIÇÕES
EM LAXMANGARH POR UNANIMIDADE!

Ao ver o condutor de riquixá, Vijay deixou cair o martelo, os pregos e a própria faixa.

— O que está fazendo aqui?

— Vim votar — respondeu o outro, também aos gritos. — A eleição não é hoje?

Não posso confirmar o que aconteceu depois, embora estivesse apenas uns poucos metros atrás dele. Tinha se formado uma verdadeira multidão para ver a cena à distância, mas quando o guarda atirou na nossa direção,

*image
not
available*

Como o Mangusto nem se mexeu, o Grande Socialista apanhou a escarradeira das minhas mãos e a estendeu para ele.

— Pegue, filho.

E o Mangusto pegou.

Então, o Grande Socialista cuspiu ali dentro, três vezes.

As mãos do Mangusto estavam tremendo; o seu rosto ficou preto de vergonha.

— Obrigado, filho — disse o Grande Socialista, enxugando a boca. Virou-se, então, para mim e, franzindo a testa, perguntou: — Onde é que eu estava?

Foi assim mesmo. Esse era o lado positivo do Grande Socialista. Ele humilhava todos os nossos patrões e, por isso, continuávamos a reelegê-lo.

Naquela noite, mais uma vez a pretexto de varrer o quintal, me aproximei do Cegonha e dos seus filhos. Eles estavam sentados num banco, conversando, com copos daquela bebida dourada nas mãos. Mukesh Sir tinha acabado de dizer alguma coisa.

— Não podemos fazer isso, Mukesh. Precisamos dele.

— Ouça o que lhe digo, pai. Já não precisamos mais. Podemos ir direto a Déli. Agora conhecemos gente lá.

— Concordo com Mukesh, pai. Não devíamos mais deixar ele nos tratar desse jeito, como se fôssemos seus escravos.

— Cale a boca, Ashok. A conversa é entre mim e Mukesh.

Recomecei a varrer o quintal pela segunda vez, e fiquei ouvindo. Então, fui ajeitar a rede de *badminton* de Pinky Madam, pois, assim, podia ficar mais perto deles.

Mas uns olhos nepaleses desconfiados me viram.

— Não fique vagabundeando pelo quintal. Vá se sentar no seu quarto e fique esperando até que os patrões mandem chamá-lo.

— Claro.

Ram Bahadur me fitou bem sério e, então, eu disse:

— Claro, senhor.

*image
not
available*

fosse o seu verdadeiro nome — veio saindo, pegou as sandálias enfiadas na grade, jogou-as no chão, calçou-as e foi embora. Quando me viu — e pisquei para ele — soube que a brincadeira tinha terminado.

Fiz o que era preciso, em poucas palavras bem escolhidas.

Então, voltei para casa. O nepalês estava à minha espera por trás das grades de ferro. Peguei o chaveiro do seu bolso e pus no meu.

— Vá buscar chá para mim. E biscoitos também — disse, puxando a sua camisa. — E quero esse uniforme. O meu já está ficando velho.

Essa noite, fui eu quem dormiu na cama.

Pela manhã, alguém entrou no quarto. Era o ex-motorista número um. Sem dizer uma palavra, começou a arrumar as suas coisas. Tudo o que tinha cabia numa sacolinha.

“Que vida infeliz ele levou”, pensei eu, “tendo de esconder sua religião, seu nome, só para conseguir um emprego de motorista — e ele é bom motorista, isso nem se discute, muito melhor do que jamais vou ser”. Parte de mim queria se levantar, pedir desculpas a ele ali mesmo e lhe dizer: “Vá ser motorista em Déli. Você nunca me fez mal algum. Me perdoe, irmão.”

Virei para o lado, peidei e peguei no sono novamente.

Quando acordei, ele já tinha ido embora, deixando para trás todas as imagens de divindades, que enfurnei numa sacola. Nunca se sabe quando essas coisas podem nos servir...

De noitinha, o nepalês veio me procurar com um sorrisinho estampado no rosto — o mesmo sorriso falso que ele passava o dia inteiro exibindo para o Cegonha. Disse que, já que Ram Persad tinha deixado o emprego sem dizer uma palavra, eu é que ia levar Mr. Ashok e Pinky Madam para Déli. Ele mesmo tinha recomendado o meu nome ao Cegonha enfaticamente.

Voltei para a cama — que, agora, era toda minha —, estirei-me ali e disse:

— Ótimo. Agora, trate de tirar essas teias de aranha do teto, está bem?

Ele me olhou de cara feia, mas não disse uma palavra sequer, e saiu para apanhar uma vassoura.

*image
not
available*

Eu deveria falar um pouco mais sobre esse lustre.

Por que não? Não tenho mais família. Tudo o que tenho são lustres.

Tenho um aqui, acima da minha cabeça, no escritório, e mais dois no meu apartamento no Raj Mahal Villas Setor II. Um na sala de visitas e um pequeno no banheiro. Deve ser o único banheiro em Bangalore com um lustre desses!

Um dia, vi os três pendurados no galho de uma grande figueira-de-bengala, perto dos Jardins Lalbagh; era um menino de uma aldeia que estava vendendo, e comprei todos, na hora. Paguei um sujeito que tinha um carro de bois para levá-los à minha casa e atravessamos Bangalore, o sujeito, eu e três lustres, numa limusine movida a bois!

Adoro ver lustres. Por que não? Sou um homem livre, posso comprar quantos lustres quiser. E por um motivo especial: eles mantêm os lagartos longe desta sala. Verdade, Excelência! Lagartos não gostam de luz, portanto, assim que veem um candelabro, não chegam nem perto.

Não entendo por que outras pessoas não saem comprando lustres o tempo todo e os instalam por toda parte. Pessoas livres não têm noção do valor da liberdade, este é o problema.

Às vezes, lá em casa, acendo os dois ao mesmo tempo, e, então, me deito em meio a toda aquela luz e simplesmente começo a rir. Um homem que vive escondido e, mesmo assim, está cercado de lustres!

Estou lhe revelando, aqui, o segredo de uma fuga bem-sucedida: a polícia foi me procurar na escuridão, mas me escondi na luz.

Em Bangalore!

Ora, uma das diversas utilidades de um lustre, esse objeto tão injustamente relegado, é que, quando esquecemos alguma coisa, basta fitar por algum tempo os pedacinhos de vidro brilhando lá no teto e pronto: lembramos de tudo em cinco minutos.

Acontece que esqueci onde tinha parado ontem à noite; portanto, precisei ficar falando um pouco sobre os lustres, para mantê-lo ocupado,

*image
not
available*

cinema! Portanto, se Pinky Madam estava com saudade dos Estados Unidos, aquele era o melhor lugar para levá-la.

— Veja só o que esse idiota fez! — exclamou o Mangusto. — Está perdido novamente.

Estendeu o braço e me deu um tapa na cabeça.

— Dobre à esquerda, depois do chafariz, seu idiota! Não sabe como chegar em casa a partir daqui?

Comecei a pedir desculpas, mas uma voz às minhas costas disse:

— Está tudo bem, Balram. Agora, vamos para casa.

— Viu? Lá vem você defendendo ele de novo.

— Ponha-se no lugar dele, Mukesh. Não consegue imaginar como Déli deve lhe parecer confusa? Decerto é como foi, para mim, chegar a Nova York pela primeira vez.

O Mangusto passou a falar inglês — e não entendi nada —, mas Mr. Ashok respondeu em híndi:

— Pinky acha exatamente a mesma coisa. É o único ponto em que vocês dois concordam, Mukesh, mas eu não vou aceitar isso. Não sabemos quem é quem em Déli. E podemos confiar nesse cara. Ele é lá da nossa terra.

Nesse momento, olhei pelo retrovisor e dei com os olhos de Mr. Ashok pregados em mim. E, naqueles olhos de patrão, vi o mais inesperado dos sentimentos: pena.



— Quanto eles estão lhe pagando, Rato do Campo?

— O bastante. Estou satisfeito.

— Ah, não vai me dizer, hein, Rato do Campo? É isso aí. Um criado leal até o fim. Está gostando de Déli?

— Estou.

— Ah! Não minta para mim, seu sacana. Sei que está inteiramente perdido aqui. Deve estar odiando a cidade!

*image
not
available*

E veio se chegando. Sem me afastar, o que teria sido uma grosseria, dei um jeito de ficar o mais longe possível daquela boca.

— Rato do Campo, será que o seu patrão... — Olhou à sua volta e baixou a voz, falando quase num sussurro: — ... *está precisando* de alguma coisa?

— Precisando como?

— Seu patrão gosta de vinho estrangeiro? Um amigo meu é motorista de uma embaixada. E tem uns contatos por lá. Conhece o golpe do vinho estrangeiro de uma embaixada estrangeira?

Fiz que não com a cabeça.

— É o seguinte: vinho estrangeiro custa muito caro em Déli, Rato do Campo, porque é taxado. Mas as embaixadas conseguem tudo isso de graça. Supostamente, bebem o seu próprio vinho, mas, na verdade, elas o vendem no mercado negro. Posso conseguir outras coisinhas também. Será que ele não está querendo bolas de golfe? Conheço gente no consulado americano que pode me vender. Será que ele não está querendo mulheres? Também posso conseguir. Se o negócio dele for rapazes, não tem problema.

— O meu patrão não é disso. Ele é um homem bom.

Os lábios doentes se entreabriram num sorriso.

— Todos são — disse ele. E começou a assobiar uma música de um daqueles filmes híndi. Um motorista tinha começado a ler em voz alta a história da tal revista, e todos os outros se calaram. Fiquei um tempinho olhando para o shopping.

— Quero lhe fazer uma pergunta — disse, então, voltando-me para o sujeito com aquela boca cor-de-rosa horrível.

— Tudo bem. Pode perguntar. Sabe que eu faria qualquer coisa por você, Rato do Campo.

— Esse prédio que chamam de shopping, e que tem esses cartazes de mulheres pendurados, tem lojas, não é?

— Isso mesmo.

*image
not
available*

O tal quarto era um horror. O piso do chão estava inacabado e, nas paredes, havia um gesso esbranquiçado, bem vagabundo, cheio de marcas das mãos de quem fez o trabalho de aplicação. E tinha uma cama nada sólida, que mal dava até para um sujeito como eu, e um mosquiteiro acima dela.

Serviria perfeitamente.

Na segunda noite, não fiquei no dormitório. Fui para o quartinho. Varri o chão, preendi o mosquiteiro em quatro pregos na parede e fui dormir. No meio da noite, entendi por que tinham deixado o mosquiteiro ali. Fui acordado por uns barulhos. A parede estava coberta de baratas que tinham vindo comer os minerais ou a calça do gesso; sua mastigação fazia um ruído contínuo e suas antenas se remexiam em cada pedacinho da parede. Algumas delas pousaram em cima do mosquiteiro e, ali debaixo, eu podia ver aqueles corpos escuros contrastando com o pano branco. Apertei o mosquiteiro e esmaguei uma delas. As outras nem perceberam; continuaram pousadas na tela e sendo esmagadas. “Talvez todos os que vivem na cidade grande acabem ficando lerdos e estúpidos como essas baratas”, pensei, sorrindo, e voltei a dormir.

— Dormiu bem com as baratas? — perguntaram os outros, me sacaneando, quando entrei no banheiro comum.

Qualquer intenção que eu pudesse ter de voltar para o dormitório morreu ali mesmo. O quarto era cheio de baratas, mas era meu, e não tinha ninguém ali para me encher o saco. Uma desvantagem era o fato de o som da campainha não chegar até lá, mas tinha também uma vantagem, que só vim a descobrir com o tempo.

Pela manhã, depois de esperar a minha vez para usar a privada comum, e, em seguida, a pia comum, e também para poder me lavar, eu subia um lance de escadas, abria a porta da garagem e ia até a vaga onde o Honda City estava estacionado. Tinha de limpar o carro, por dentro e por fora, com um pano úmido e macio; depois, tinha de acender um bastão de incenso diante da estatueta da deusa Lakshmi, a deusa da riqueza, que ficava acima do painel. O incenso tinha a dupla vantagem de espantar os

*image
not
available*

Adoraria sair por ali gritando: “Balram também está aqui! Balram também está aqui!”

Voltei para o carro por garantia, para evitar fazer alguma besteira e acabar preso.

Já estava escurecendo quando os dois irmãos saíram do prédio; ao seu lado, vinha um gordo que ficou conversando com eles por algum tempo, ali perto do carro. Depois, se despediram com apertos de mão e o sujeito acenou para nós.

Mr. Ashok estava emburrado e carrancudo quando entrou no carro. O Mangusto mandou que eu os levasse de volta para casa, “sem errar o caminho de novo, entendeu bem?”.

— Sim, senhor.

Os dois ficaram calados, o que me deixou confuso. Se eu tivesse acabado de estar no palácio do governo, ia baixar as janelas e sair gritando pela rua, contando para todo mundo!

— Veja aquilo.

— O quê?

— Aquela estátua.

Pela janela, vi uma grande estátua de bronze, representando um grupo de homens. É um monumento bem conhecido, que o senhor decerto vai ver quando estiver em Déli: à frente, Mahatma Gandhi, com o seu cajado, e, atrás dele, o povo da Índia, sendo guiado da escuridão para a luz.

— Qual o problema? Já vi essa estátua antes — retrucou o Mangusto, apertando os olhos para fitar o monumento.

— Estamos passando diante de Gandhi poucos minutos depois de ter subornado um ministro. Estão de sacanagem conosco, não é mesmo?

— Você está até parecendo a sua mulher — disse o Mangusto. — Não gosto de palavrões! Não faz parte da nossa tradição.

Mas Mr. Ashok estava irritado demais para se calar.

— Pois, como diria minha mulher, o nosso sistema político *is a fucking joke*, e vou repetir isso quantas vezes eu quiser.

*image
not
available*

Algum babaca num jipe branco quase bate na gente porque está tentando ultrapassar um outro carro pelo lado errado. A gente dá uma guinada, olha para o sujeito de cara feia, xinga (mentalmente) e, quando consegue voltar a prestar atenção, a conversa no banco de trás já foi adiante... e nunca dá para saber como aquela tal frase terminou.

Sabia que havia algo de errado no ar, mas não tinha percebido a que ponto as coisas tinham chegado até que, certa manhã, Mr. Ashok me disse:

— Hoje, você vai levar Mukesh Sir à estação ferroviária, Balram.

— Sim, senhor — respondi, hesitante. Adoraria perguntar: “Só ele?”

Será que o Mangusto estava indo embora de vez? Será que Pinky Madam teria enfim conseguido se livrar dele, com aquela história de ficar batendo as portas e fazendo comentários ásperos?

Às 18 horas, estava esperando com o carro diante da porta do prédio. Levei os dois irmãos até a estação. Pinky Madam não veio com eles.

Carreguei as malas até o vagão certo; depois, fui a uma barraquinha e comprei um *dosa* embrulhado em papel, pois era isso que ele gostava de comer no trem. Mas desfiz o embrulho, tirei fora as batatas e joguei tudo nos trilhos, porque batata fazia o Mangusto peidar, e ele não gostava disso. Um empregado precisa conhecer o trato intestinal do seu patrão de ponta a ponta, da boca ao ânus.

— Espere um pouco. Tenho umas instruções para você — disse ele.

Fiquei agachado num canto do vagão.

— Você não está mais na Escuridão, Balram.

— Sim, senhor.

— Há uma lei em Déli.

— Sim, senhor.

— Sabe aquelas estátuas de bronze de Gandhi e de Nehru que estão por toda parte? A polícia instalou câmeras ali dentro, para vigiar os carros. Ela vê tudo que você faz, está me entendendo?

— Sim, senhor.

Franziu, então, a testa, como se procurando o que mais poderia me dizer.

*image
not
available*



— Você demorou, Balram.

— Desculpe, patroa.

— Está com um ar de doente, Balram. Não está bem?

— Estou, sim, patroa. Só com dor de cabeça. Não dormi bem essa noite.

— Prepare o chá. Espero que cozinhe melhor do que dirige.

— Sim, senhora.

— Ouvi dizer que você é *halwai*, de uma família de cozinheiros. Conhece algum chá de gengibre especial que seja tradicional?

— Conheço, sim, senhora.

— Então faça isso.

Não fazia a mínima ideia do que Pinky Madam estava querendo, mas, pelo menos, os peitos dela estavam cobertos, o que já era um alívio.

Preparei a chaleira e comecei a fazer o chá. Mal a água ferveu, a cozinha ficou inundada de perfume. Ela estava me observando lá da porta.

A minha cabeça ainda rodava por causa do uísque da véspera. Passei a manhã toda mascando sementes de anis para que ninguém notasse o meu bafo de álcool, mas, mesmo assim, estava preocupado, portanto, me afastei dela e fui lavar um pedaço de gengibre na torneira da pia.

— O que está fazendo?

— Lavando o gengibre, patroa.

— Isso, com a mão direita. Mas o que está fazendo com a esquerda?

— Senhora? — indaguei, baixando o olhar.

— Pare de coçar o saco com a mão esquerda!

— Não fique brava, patroa. Vou parar.

Mas não adiantou nada. Ela continuou gritando:

— Você é nojento! Olhe só os seus dentes, as suas roupas! Tem *paan* vermelho em todos os seus dentes, e manchas vermelhas na sua camisa. Que nojo! Saia daqui! Limpe essa bagunça que fez na cozinha e vá embora!

*image
not
available*

Naquela noite, enquanto dirigia o carro de volta para o apartamento, olhei pelo espelho retrovisor. Mr. Ashok estava de camiseta.

Era o tipo de camiseta que eu jamais escolheria numa loja: praticamente toda branca, sem nada, só com um pequeno desenho no centro. Eu teria comprado algo mais colorido, com montes de palavras e desenhos. Para compensar o dinheiro gasto.

Uma noite, depois que Mr. Ashok e Pinky Madam já tinham subido, fui ao mercado ali perto. À luz crua daquelas lâmpadas amareladas, havia homens agachados pela rua, vendendo colares de contas de vidro, pulseiras de metal, brinquedos, lenços para cabeça, canetas e chaveiros em grandes cestos. Vi o sujeito que vendia camisetas.

Ele me mostrou um monte delas e eu só dizia “Não!”, até que apareceu uma, toda branca, com uma única palavrinha em inglês no meio. Saí então à procura do homem que vendia sapatos pretos.

Foi nessa noite que comprei minha primeira pasta de dentes. Quem me vendeu foi o meu fornecedor habitual de *paan*; paralelamente, ele também vendia pastas de dentes que neutralizavam os efeitos do *paan*.

SHAKTI

CREME DENTAL CLAREADOR

COM CARVÃO E CRAVO, PARA LIMPAR OS SEUS DENTES.

APENAS UMA RUPIA E CINQUENTA PAISAS!

Estava escovando os dentes com o dedo quando reparei na minha mão esquerda: lá estava ela no meu saco, e eu nem tinha notado. Parecia até um lagarto subindo discretamente pela parede, e já ia começar a coçar.

Fiquei esperando. Assim que ela se mexeu, tratei de segurá-la com a mão direita.

Belisquei a pele áspera entre o polegar e o indicador, naquele lugar onde dói mais, e fiquei segurando assim por um minuto. Quando soltei, havia uma marca vermelha na palma da minha mão.

Pronto.

Esse vai ser o seu castigo se continuar coçando o saco a partir de agora.

*image
not
available*

seguranças de uniforme cinza, e todos pareciam estar de olho em mim. Essa foi a minha primeira experiência de viver como um fugitivo.

Percebia um perfume no ar, uma luz dourada, o frescor do ar-condicionado, as pessoas de jeans e camiseta que me olhavam de um jeito estranho. Vi um elevador que parecia feito de vidro dourado subindo e descendo. Vi lojas com paredes de vidro e imensas fotos de mulheres e homens europeus, lindos, penduradas por todo lado. Se ao menos os outros motoristas pudessem me ver agora...

Sair dali foi tão complicado quanto entrar. Mais uma vez, porém, os seguranças não disseram nada e voltei para o estacionamento, entrei no carro e vesti novamente a minha camisa habitual, bem colorida, deixando a camiseta lisa de gente rica emboladinha perto dos meus pés.

Fui correndo ao encontro dos outros motoristas. Nenhum deles tinha me visto entrar ou sair do shopping. Todos estavam ocupados demais com outras coisas. Um deles, o sujeito que gostava de ficar o tempo todo brincando com o chaveiro, estava com um celular, e me obrigou a dar uma olhada no aparelho.

— Você telefona para a sua mulher com isso aí?

— A gente não pode ligar para ninguém com ele, seu idiota. É um telefone *one-way*!

— Então, qual a vantagem de ter um telefone se você não pode usar o aparelho para falar com a sua família?

— É para o meu patrão me ligar e me dizer onde devo pegá-lo. Tudo o que preciso fazer é ficar com ele aqui, no bolso, onde quer que eu vá.

Tirou o telefone da minha mão, limpou o aparelho e o enfiou no bolso. Até aquela tarde, o seu status no círculo dos motoristas não tinha sido lá muito alto: o patrão dele só tinha um Maruti-Suzuki Zen, um carro pequeno. Hoje, porém, podia se dar ares de importância à vontade. O telefone passava de mão em mão, e os motoristas ficavam olhando para ele como macacos que admiram algo brilhante que apanharam. De repente, o ar ficou cheirando a amônia: um dos sujeitos estava mijando bem perto de nós.

Boca de Vítigo estava me olhando, lá do canto.

— Você está com cara de quem quer dizer alguma coisa, Rato do Campo.

Abanei a cabeça.



Ao longo do dia, o trânsito só fazia piorar. Parecia até que, a cada anoitecer, o número de carros aumentava. À medida que os engarrafamentos se intensificavam, o mau humor de Pinky Madam também se acentuava. Certa noite, quando estávamos nos arrastando pela M.G. Road, em direção a Gurgaon, ela simplesmente perdeu as estribeiras, e começou a gritar.

— Por que não podemos voltar, Ashoky? Veja só a porra desse trânsito todo engarrafado! Agora, todo dia é isso!

— Por favor, não recomece. Por favor.

— Por que não? Você me prometeu, Ashoky, que ficaríamos só três meses em Déli, para resolver uma história de papelada, e, depois, voltaríamos para casa. Mas estou começando a achar que você veio até aqui para tratar desse problema de imposto de renda. Estava mentindo para mim o tempo todo?

O que aconteceu entre os dois não foi por culpa dele; insisto nesse ponto, mesmo que fosse diante de um tribunal. Mr. Ashok era um bom marido, sempre inventando coisas para ela ficar feliz. No seu aniversário, por exemplo, mandou eu me vestir como um marajá, de turbante vermelho e óculos escuros espelhados, e servir a comida com esses trajes. E também não foi uma comidinha qualquer: servi aquela coisa fedida, que vem em caixas de papelão e deixa os ricos inteiramente enlouquecidos.

Quando ela me viu, vestido daquele jeito, inclinando-me à sua frente com a caixa de papelão, não conseguia parar de rir. Eu os servi, e,

seguindo as instruções de Mr. Ashok, fiquei parado perto da foto de Fofinho e Floquinho, de braços cruzados, esperando.

— Veja só isso, Ashok — disse ela. — Balram, o que é que estamos comendo?

Sabia que era uma armadilha, mas o que podia fazer? Respondi. E os dois caíram na gargalhada.

— Diga outra vez, Balram.

E eles riram novamente.

— Não é piJJa. É piZZa. Repita certo.

— Espere aí. Você também está pronunciando errado. Tem um T no meio. *Pit-za*.

— Não venha corrigir o *meu* inglês, Ashok. Não tem T nenhum na palavra pizza. Olhe aqui na caixa.

Tive de prender a respiração, parado ali, esperando que eles terminassem. Aquele troço tinha um cheiro tão ruim...

— Ele cortou a pizza de um jeito horrível. Não consigo entender como é possível que pertença a uma casta de cozinheiros.

— Mas você demitiu o nosso. Por favor, não vá demitir esse aí também. É um sujeito honesto.

Quando terminaram, raspei os restos que tinham sobrado nos pratos e lavei a louça toda. Pela janela da cozinha, dava para ver a rua principal de Gurgaon, toda iluminada com as luzes dos shoppings. Tinham acabado de inaugurar um novo, mais para o fim da rua, e havia uma fila de carros entrando pelos seus portões.

Baixei a persiana e continuei lavando a louça.

— Pijja.

“Pzijja.

“Zippja.

“Pizja.”

Enxuguei a bancada da pia com a palma da mão e apaguei as luzes.

Os dois tinham ido para o quarto. Ouvi gritos vindos de lá. Pé ante pé, me aproximei da porta fechada. Colei o ouvido à madeira.